

***Memorial do (des)amor*, de Fabio Mario da Silva – texto “escrevivo”**

Ariane da Mota Cavalcanti¹

Resenha de:

SILVA, Fabio M. **Memorial do (des)amor**. Caruaru: Dimeron Editora, 2021.

Campo fértil para o universo da arte ocidental em suas diversas realizações, o amor ressurge do “tapete vermelho” da tradição literária para se colocar no centro da moderna poesia de Fabio Mario Silva em sua mais recente publicação autoral ora resenhada: *Memorial do (des)amor*. No livro, o autor pernambucano redesenha o sentimento amoroso, outrora imortalizado no soneto clássico de Camões como “fogo que arde sem se ver”, através, agora, de um maior intercâmbio com vozes femininas das literaturas em língua portuguesa. Bebendo na força/fonte de Teolinda Gersão², em citação epigráfica da escritora portuguesa contemporânea (o livro, é preciso assinalar, presenteia os leitores com uma verdadeira costura de epígrafes de tirar o fôlego), o escritor faz o amor em seu texto ser encarado como “uma ficção com que escondemos por algum tempo o vazio, dentro e fora de nós”. Assim, abre-se uma pista para perceber que o “amor” /“(des)amor” em Silva não simplesmente é ou existe como objeto

¹ Univ. Federal Rural de Pernambuco/ Unidade Acadêmica de Serra Talhada.

² Citada no desfecho da obra, como epígrafe de encerramento.

palpável, mas passa a ser um “filho” da nossa invenção; em outras palavras, para além de ser representado carnalmente como “coisa” existente, tal qual uma “ferida que dói”, é também recriado na imagem de “curativo simbólico”, “remendo estético”, para sanar o buraco/vazio que traga as vozes líricas em exercício de canto ao longo da obra.

Publicado em 2021, auge do confinamento pandêmico que acabamos de atravessar, nada carentes de cicatrizes na alma, o livro de poemas do autor pernambucano, dividido em quatro capítulos, faz emergir um singular colorido/sabor de múltiplas sensações poéticas, somadas a incontáveis diálogos com o imaginário literário em língua portuguesa, dado que o poeta é também notável pesquisador e professor no campo, ligado à Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), sobretudo no que concerne a produções femininas de escritoras portuguesas. Como que transbordasse, a obra ainda oferece mais: imprime com letra forte e marcada, tal qual o retoque da xilogravura que marca a cultura do Agreste e Sertão, incessantes tons de polissemia, os quais quebram e, contraditoriamente, reforçam a lisura austera de toda uma paleta de transparências de imagens. A própria capa do livro, ilustrada/encantada pelo artista pernambucano J. Borges, filho do Agreste, berço de Fabio Mario, a xilografar imagens não “de amor”, mas “de amores”, no plural, já é um prenúncio da singularidade de mil faces a ser encontrada na leitura. Admitindo esta peculiar e, ao mesmo tempo, regional configuração, *Memorial do (des)amor* pode ser lido sob o signo da ambivalência. Para entendê-la, um caminho seria adotar a seguinte analogia: Se em *Hamlet*, Shakespeare provoca a tradição do teatro teocêntrico de seu tempo com a moderna construção racional da dúvida humana entre

os pólos distintos “ser ou não ser”, em seu livro, o nosso poeta encontra a modernidade mais recente de um Riobaldo, personagem que, no romance *Grande Sertão: veredas*, de Rosa, adverte a sua condição de sujeito fraturado, nada solar: “jagunço? Sou e não sou”. A ambivalência irradiada pelos poemas compilados do autor, pois, já se faz notória no título da obra, verificada pelo uso dos parênteses que envolvem o prefixo negativo “-des” em “(des)amor”, sugerindo o duplo sentido, bem como na organização das titulações do Sumário, comentada adiante. Tal empreitada lírica pode ser lida como a sugestão de que os sentidos poéticos não podem ser mais únicos, nítidos, solitários, fixos, pacíficos; toda palavra é tensão no imaginário do “eu” que canta.

No que se refere ao Sumário, este organiza o “Memorial do (des)amor” em quatro capítulos trançados e nomeados de forma dialética, sugerindo um percurso no melhor modelo tese/antítese/síntese, como atesta o prefaciador da obra Gilvano Vasconcelos. Para cada um dos quatro capítulos, acrescenta-se possível leitura: é como se o autor criasse um eu-lírico particular, ou seja, que é capaz de produzir a sua ficção específica, com linhas poéticas próprias, de “amor/desamor”. Assim, no calor dessa vereda interpretativa, haveria quatro sujeitos poéticos ao longo do livro, todos eles ficcionalizando imagens diversas, mas não estanques, do amor, a fim de remendar o vazio que neles habitaria, o que nos remete ao processo de escrita heteronímia. Não por acaso, o próprio Fernando Pessoa, dono indissociável de múltiplas personalidades poéticas, é evocado na obra com uma epígrafe do *Livro do Desassossego* escrita pelo semi-heterônimo Bernardo Soares.

O Capítulo primeiro tem como título “Poemas-amor”. Trata-se de uma seção de quatro metapoemas em que o eu-lírico expressa seu amor ao fazer poético; aqui, o “amor-ficção” é pelo próprio exercício da escrita, pelo fingimento poético. Cita-se o poeta: “Poesia II”: “Eu faço poemas por entre as intempéries da vida./ Nessas horas, nunca imaginadas, eles apenas me veem e zelam por mim./ Neste instante, em que as palavras brotam./Deixo que os versos (me) pensem/ em mim.” (2001, p. 19). Vê-se que o poema, como elaboração estética, é uma espécie de “anjo da guarda” que zela pelo eu que canta, o qual, por sua vez, zela, também, pelo poema ao redigi-lo e dar-lhe vida. Nesta singular engrenagem do zelo mútuo, ao vivificar o poema, o eu-lírico reverencia a sua força amparadora nos modos de acolher o pensamento, de ser capaz de embalar a vida por entre as intempéries mais desafiantes. O texto revela, assim, que a ficção criada pelo poeta é a de um amor a palavras que brotam em versos.

O capítulo segundo, “O desamor”, redefine a imagem do eu poético através de nove poemas sem nome, os quais estão apenas numerados; a seção introduz um outro sujeito lírico com afetos diferentes daquele criado no capítulo inaugural. Este “outro” eu lírico da obra está preocupado, agora, em cantar o corpo em palavras que sugerem os sentidos táteis, sonoros, visuais do leitor, trazendo requintes de sensualidade, da entrega sexual, esta que nem sempre se faz saciada, nem sempre a voz que canta se escuta feliz, frequentemente lamenta, vocifera. Suor pelo corpo em altas ondas de desejo, sofrimento, realização provisória, recusa e despedida animam esse novo eu que ficcionaliza nos seus versos as formas do desamor, capítulo que anuncia a sua tônica já com a citação de Bernardo Soares no *Livro do desassossego*: “Quem dá amor, perde amor”. Aqui, o leitor de Hilda

Hilst é capaz de encontrar um espelho de si ao ler “Do desejo”: “Quem és? Perguntei ao desejo./ Respondeu: lava. Depois pó. Depois nada” (HILST, 2004, p. 15). Ilustra-se, portanto, o capítulo “Desamor”, o qual contém o maior volume de poemas, fato denunciativo de que este eu que vive o desamável tem intensa e maior demanda de fala, com a voz do autor: “VI”: “No ímpeto da minha soberba/ nas saudades de tua loucura/ nos afagos que eu não te dei/ recordo-me/ exausto/de outras eras/de outros planetas/por ti imaginados:/lugares onde nunca gozei”. (2001, p. 37).

Dotado de oito poemas numerados, o capítulo terceiro nomeia-se “O amor”. Com epígrafe bordada com trechos de “Fanatismo”, de Florbela Espanca (íntima do autor por suas pesquisas dedicadas à escritora), os leitores da portuguesa já se familiarizam com os versos de uma voz de nuance feminina que tem urgência em gritar que ama, que deseja e que se entrega loucamente em totalidade ao outro, que implora amor sem orgulho. São poemas que declaram devoção, espera, saudade, que narram sonhos de encontros futuros e memórias perdidas de um reconforto sensual e emocional junto ao ser amado. Recorto do livro o poema a seguir, dedicado a Judith Teixeira, autora portuguesa da primeira metade do século XX, com quem o capítulo conversa notadamente. O peso desta voz moderna feminina também integra o conjunto da produção bibliográfica de Fabio Mario Silva, que, como pesquisador, dedicou estudos à obra de Teixeira, publicando, em conjunto com Cláudia Pazos Alonso, a valiosa organização do volume *Judith Teixeira: poesia e prosa* (2015). Segue o poema: “Aguardarei, estático, a Noite./ Quando, por fim, Ela chegar,/ seja chuvosa ou ressequida,/ lá estarei/ na esperança desmedida/ e assombrosa/ de meu amor/ verdadeiramente/ e morosamente/ sacral/

possuir-me,/ todo envolvido em uma aura e uma nevoa/ mística.”
(2021, p. 51)

O quarto e último capítulo, que vem completar a síntese da arquitetura dialética da obra, tem como nome “O (des)amor: Parte II”. Nele, o lirismo intimista dos capítulos versados pelas vozes líricas dos capítulos anteriores cunhadas pelo autor, abre-se ao encontro com uma veia lírica coletiva, que canta possíveis demandas sociais do povo do Agreste, origem natal do autor, nascido no município de Caruaru-PE, bem como do povo do Sertão, local onde Silva exerce o cargo de professor na Unidade de Serra Talhada da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFPE), desenvolvendo pesquisa sobre manifestações da cultura popular pernambucana. Aqui, o trajeto biográfico encontra o poético, tecendo as seleções estéticas e ideológicas acionadas pelo poeta. Neste derradeiro capítulo, o leitor tem acesso à geografia afetiva nordestina mapeada pela imagética lírico-coletiva da obra, se “embrenha” na crítica social dirigida ao sofrimento das comunidades locais com a exploração capitalista e com o desgaste do reino natural; ainda é presenteado com elementos da cultura sertaneja que povoam a memória do (des)amor do sujeito lírico. Citam-se trechos do Poema “Barro”, dedicado ao Mestre Vitalino e a Caruaru, maneira que o poeta encontra de dedicar amor à sua terra, a seu povo: “Voltarei a pisar a terra de que distante vivo/ e me encharcarei nas cores e nos risos/ dos pequenos mandacarus que plantarei/ à margem de míseros rios/ em que poluídos (ou não) ressuscitarei” (2021, p. 71). Faz-se notável o desejo da voz poética de reencontrar as origens das quais se distanciou. O eu se representa fora de seu lugar natal e sonha com um retorno para uma geografia hidrográfica e vegetal que representa sua identidade a ser reencontrada. Sonhar com

a terra, entender seus encantos e suas feridas são verbos conjugados pelas ficções do amor deste desfecho da obra. É interessante destacar que é apenas neste capítulo dotado de tal configuração afetiva com o Agreste-Sertão que os poemas deixam de ser identificados por números e passam a receber títulos: “O Umbuzeiro”; “O Mel do urucu”; “O Barro”; “O Cacto”; “Olhos, cor, cana e mel”, de modo que todos aludem a elementos da natureza e cultura locais, como se o poeta procurasse cunhar na palavra a identidade do lugar, da sua origem, regionalidade, nacionalidade. Aqui, o projeto poético de Fabio Mario Silva encontra, entre aproximações e distanciamentos, o Romantismo e o Modernismo brasileiros, bem como o projeto literário das literaturas africanas de língua portuguesa, tal como Angola e Moçambique à procura da criação de uma memória nacional pelo verso poético a moldar as comunidades locais e “imaginadas”. Se o leitor se atrever a procurar as frutas da poeta Ana Paula Tavares, a revolta de Noemia de Souza, a ousadia linguística e sensual da prosa poética de Paulina Chiziane nas cores do livro de Silva, certamente encontrará sementes a serem desenvolvidas no espaço de suas leituras; no entanto, se o leitor não conhecer as autoras africanas de Angola e Moçambique precisamente, serão a elas remetidas no espaço do sonho em que os poetas sempre se encontram e se saúdam, como já é dito por T. S. Eliot em “Tradição e talento individual” (1989).

Barthes, por sua vez, em “O rumor da língua” (2004), define o “texto escrevível” como aquele que leva o leitor a “levantar a cabeça” e ir à procura de outros textos e experiências em sua memória para completar os sentidos de interpretação, movendo uma verdadeira “Biblioteca de Babel” (BORGES, 2001) na mente leitora, aguçando-a e expandindo-a. O texto escrevível, ainda segundo o crítico francês, é

aquele que se faz tão notável ao longo dos tempos e leitores, que demanda ser reescrito no futuro por novos autores. O *Memorial do (des)amor* vivifica em suas letras inúmeros textos escrevíveis da tradição feminina, e, nesse movimento, se candidata à “escrevibilidade” barthesiana. É, ademais e além, um texto “escrevivo”, certamente, conceito cunhado no calor da hora para designar aqueles livros que, certamente, não dormirão o sono da morte na terra ou no barro da memória daqueles que o encontrarem.

REFERÊNCIAS

- ALONSO, Cláudia Pazos; SILVA, Fabio Mario da. **Judith Teixeira: poesia e prosa**. Lisboa: Dom Quixote, 2015.
- BARTHES, Roland. **O rumor da língua**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- BORGES, Jorge Luis. **Ficções**. 3.ed. São Paulo: Globo, 2001.
- ELIOT, T.S. Tradição e talento individual. In: **Ensaaios**. São Paulo: Art Editora, 1989.
- HILST, Hilda. **Do desejo**. São Paulo: Globo, 2004.
- SILVA, Fabio Mario. **Memorial do (des)amor**. Caruaru: Dimeron Editora, 2021.